**O EDUCAR PARA A DIVERSIDADE SOB O OLHAR ATENTO ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: DESAFIOS E APRENDIZAGENS**

Raquel Míriam Fernandes

Discente de Pedagogia - Universidade do Estado do Rio Grande Do Norte – UERN - [raquelfr93@outlook.com](mailto:raquelfr93@outlook.com)

Aparecida Suiane Batista Estevam

Discente de Pedagogia - Universidade do Estado do Rio Grande Do Norte – UERN - [suianebatista@gmail.com](mailto:suianebatista@gmail.com)

Taysa Kelly da Silva

Mestranda em Ensino –Universidade do Estado do Rio Grande Do Norte – UERN – [taysakped@gmail.com](mailto:taysakped@gmail.com)

**Resumo**

Tendo em vista a necessidade de discutirmos a inclusão no ambiente escolar e praticá-la diariamente em todos os espaços nos quais estamos inseridos, objetivamos no presente trabalho, refletir acerca da heterogeneidade existente no novo espaço escolar e discutir sobre o “modo” de ensinar e aprender numa perspectiva inclusiva. Sendo assim,ressaltamos algumas das experiências e dos conhecimentos adquiridos no componente curricular: Estágio Supervisionado I do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM. Tais experiências, nos ajudaram a compreender melhor, como se dar o processo educativo de uma criança com autismo, que geralmente apresenta comportamentos inesperados, mas que também necessita de socialização, acompanhamento, motivação e mediação pedagógica para que haja consequentemente um desenvolvimento significativo em sua aprendizagem. Nessa perspectiva, para atingirmos os objetivos previamente elaborados, consideramos importante realizarmos um levantamento de referenciais teóricos que nos ajudassem a fundamentar a discussão em questão, que por sua vez é imprescindível para que haja a construção de uma educação de qualidade para todos, que não somente visa a integração, mas a inclusão.

Palavras Chaves: Autismo, Estágio Supervisionado, Educação.

1. **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pauta-se nas experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I, componente curricular do 5º período de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN que teve como campo de pesquisa uma turma de PRÉ I de uma Creche Municipal situada na cidade de Pau dos Ferros/RN. Dessa forma, consideramos que as experiências vividas no estágio contribuíram significativamente com o nosso processo de formação acadêmica, além de impactar positivamente a nossa formação humana, tendo em vista, que nos fez lançar um olhar mais amplo, atento e profissional acerca das novas formas de aprendizagens e dos ritmos diferenciados de desenvolvimento encontrados em uma mesma sala de aula, que nos permitiu sobretudo, percebermos que a sala de aula não é composta por um único sujeito, mas por “sujeitos” que carregam em si valores e sonhos e que precisam por igual de atenção e acompanhamento pedagógico.

Com isso, consideramos que tal trabalho é de grande relevância para o campo educacional, tendo em vista que promove discussões acerca do processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva inclusiva, levando-nos a refletir acerca das práticas educativas (as vezes sem sistematização e intencionalidade) direcionadas aos aprendizes com necessidades educacionais especiais desenvolvidas na maioria das salas de aula e a partir disso, fazer com que enquanto educadores tenhamos a sensibilidade de promover para todos (sem distinção) uma educação que ultrapasse a aquisição mecânica de conhecimentos e haja a construção de significados para a vida para o enfrentamento das mais diversas realidades, para a superação dos conflitos!

Portanto, o presente estudo constituiu-se como um requisito avaliativo equivalente a terceira unidade da disciplina de Educação Especial e Inclusão do 5º período do curso de Pedagogia da UERN/CAMEAM, além disso, foi impulsionado pela necessidade de refletirmos acerca da diversidade existente nas escolas e mais precisamente da sala de aula. Dessa forma, objetivamos refletir acerca da heterogeneidade existente no novo espaço escolar e discutir sobre o “modo” de ensinar e aprender numa perspectiva inclusiva.

Tendo em vista os objetivos propostos, realizamos um levantamento de referenciais teóricos como: Pimenta (2010) Stainback (1999), Sassaki (1999), Mantoan (2003), Baptista e Bosa (2002), dentre outros autores que discutem acerca da inclusão e ação dos professores junto aos educandos e que nos possibilitou consequentemente um maior embasamento teórico nas discussões aqui apresentadas.

A construção do presente artigo se deu por meio da pesquisa de campo que teve a duração de um mês em uma Creche Municipal da cidade de Pau dos Ferros/RN, no qual utilizamos a observação acompanhada de anotações escritas como técnica para a construção dos dados, que de acordo com Trivinõs (1997), essa observação direta permite ao pesquisador buscar informações para que haja posteriormente uma indagação mais direta ao objeto de estudo em questão, além disso, realizamos uma pesquisa bibliográfica que nos ajudaram a fundamentar teoricamente o presente estudo.

Nesse período de observação, a partir do diálogo entre os alunos, a professora e a gestão da escola tivemos a oportunidade de conhecermos um pouco sobre a rotina da escola e da sala de aula, sua caracterização e desafios e assim desconstruirmos muitas das questões advindas do senso comum. Portanto, consideramos o presente trabalho como de abordagem qualitativa, tendo em vista que visa compreender os dados obtidos com base em todo o processo investigativo a partir do diálogo travado com os teóricos e os sujeitos da pesquisa.

1. **ESTÁGIO SUPERVISIONADO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: EDUCAR PARA INCLUIR OU INCLUIR PARA EDUCAR?**

A educação inclusiva tem sido palco de intensas discussões na atual conjuntura a qual nos encontramos, isso por que ainda se constitui como um grande desafio a ser alcançado, tendo em vista que inúmeras são as manifestações de exclusão e reprodução de velhos paradigmas. A escola onde cujo papel é a de formar cidadãos críticos e reflexivos, muitas vezes tem atuado de forma disfarçada, fechando-se em questões burocráticas e vendo os números como sinal de qualidade, porém muito mais importante que o número de alunos matriculados é ter uma educação onde todos são incluídos e tem as mesmas oportunidades de aprendizagens.

O estágio supervisionado foi e é ainda hoje, considerado por muitos como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, isso por que ainda é muito comum ouvirmos da maioria dos discentes que a profissão só se aprende na prática e que a teoria, portanto é totalmente diferente da prática. Porém, segundo Pimenta (2010, p. 45) o estágio “[...] não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docentes, entendida esta como atividade de transformação da realidade [...]”. O estágio enquanto campo de pesquisa nos proporciona o primeiro contato com o chão da escola e, portanto, nos permite construir saberes que se somam aos já adquiridos na abordagem teórica do curso; o estágio funciona como uma “colcha de retalho”, onde costuramos e descosturamos muitos pedaços de retalhos, é por fim, o descobrir-se enquanto professor nas lutas diárias da sala de aula.

Muito se tem falado da integração dos alunos com necessidades educacionais especiais nas salas de aula, porém essa integração de acordo com (MANTOAN, 2003, p.15) “[...] refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns [...], alunos agrupados em escolas especiais para deficiência [...]”, ou seja, permite-se a entrada dos alunos com necessidades especiais do espaço escolar, porém não lhes é garantido a permanência na escola, não lhes é garantido o avanço e o desenvolvimento significativo em sua aprendizagem. Aí cabe questionar: como incluir se diferenciamos os alunos uns dos outros? Como incluir, se selecionamos, excluímos e até queremos que o aluno que se adapte à escola e a seu funcionamento?

Nessa perspectiva, o estágio na escola, nos oportuniza o contato com a verdadeira realidade da instituição, suas dificuldades e desafios. Dentre as observações feitas, percebemos a dificuldade de se trabalhar com a multiplicidade efetiva das salas de aula, tendo em vista que temos salas numerosas, com espaços reduzidos e pouco acessíveis aos alunos e com um acompanhamento pedagógico um pouco insuficiente. Na Creche campo do estágio e mais especificamente na sala de educação infantil na qual realizamos a regência é constituída por 20 alunos, onde um (1) é diagnosticado com autismo, com faixas etárias entre 3 e 6 anos (uma sala numerosa e heterogênea com diferentes níveis de aprendizagem) para uma única professora. Diante de tal situação questionamos: é possível desenvolver uma aprendizagem significativa? Qual o papel da professora nessa sala de aula?

De acordo com Sassaki (2002) a escola para incluir o aluno com necessidades educacionais especiais precisa passar por um processo de sensibilização e treinamento no que diz respeito aos recursos humanos, para que assim seja possível desenvolver um processo de ensino-aprendizagem com mais qualidade, tendo em vista que não basta mudar o currículo, adaptar o mobiliário e o espaço físico da escola, é preciso que todos os funcionários e não somente o professor, estejam preparados e motivados para desenvolverem um trabalho coletivo visando a inclusão e o desenvolvimento de uma educação de qualidade para todos.

Na primeira semana de estágio destinada a observação, deveríamos conhecer a caracterização da escola, da sala de aula e seu funcionamento, descobrimos então, que a turma na qual realizaríamos a regência tinha um aluno autista que segundo a professora frequentava as aulas regularmente e que só costumava faltar quando estava doente. Inicialmente foi um pouco impactante, pois deparar-se com uma sala de aula com 20 alunos de faixas etárias diferentes, onde um deles era autista e que assim como os demais necessitava de atenção, acompanhamento e direcionamento pedagógico, era algo que não fazia parte da nossa rotina, mas aos poucos, fomos nos adaptando a nova realidade e vencemos alguns desafios conseguindo quebrar com o *tabu* de que crianças com necessidades especiais não precisam ser estimuladas, por que estão na sala de aula por estar e que não aprendem por isso não precisam fazer as atividades.

* 1. **O autismo na da sala de aula: uma maneira diferente de ensinar e aprender**

De acordo com (MARTINS, PIRES e PIRES, 2012, p. 161) “O autismo é um transtorno global no desenvolvimento (TGD), cujos sintomas apresentam-se nos processos de comunicação, comportamentos e interações sociais [...]”, e por apresentar déficits em áreas que envolvem a socialização entre os sujeitos e o meio social, a criança precisa ser estimulada e acompanhada pedagogicamente para que possa desenvolver-se social e intelectualmente, já que de acordo com Vygotsky as interações quando desenvolvidas de maneira adequada proporcionarão mediações e conflitos necessários ao desenvolvimento pleno do sujeito e à construção dos seus processos mentais superiores.

Tendo em vista tais apontamentos, percebemos que o aluno inserido na sala campo de estágio possuía alguns desses déficits de comunicação, pois o mesmo não falava, chorava e gritava quando algum colega pegava seus brinquedos ou estes caiam no chão, não brincava com ninguém e ficava sempre isolado dos demais. Percebemos que em alguns momentos, como na entrega de atividades e no horário do intervalo o aluno autista era sempre excluído e nunca convidado a participar; na entrega de atividades, o mesmo nunca recebia a sua e no intervalo sempre se reservava, ficava distante dos demais, não era estimulado a correr, a dançar no pátio, a brincar de roda, enfim, o aluno estava integrado na sala de aula e não incluído.

No decurso da observação, víamos que o aluno levava muitos brinquedos e apenas espalhava sobre a mesa sem nenhum direcionamento pedagógico. Vendo tal situação resolvemos aprender brincando e lhe mostramos que os brinquedos poderiam se tornar aquilo que sua imaginação quisesse criar. Fazendo uso de peças de lego, demonstramos fazendo das peças um robô, posteriormente o aluno passou a fazer pistas, garagens e cercas que fechavam a garagem e não permitia a saída dos carros. Ao perceber os seus próprios desenhos o aluno sorria e até conseguia brincar com outro colega que jogava o carro de um lado para o outro para que pudesse ser “estacionado na garagem” feita de peças de lego. Dessa forma, percebemos que quando existe uma atividade direcionada, sistematizada e com objetivos educativos, ensinamos e aprendendo brincando.

Ao percebermos então, a diversidade de idades e níveis de aprendizagem na sala, tivemos o cuidado de levar atividades que os alunos pudessem realizar de forma autônoma. No período de regência do estágio trabalhamos com o tema “As quatro estações do ano” e levando em conta o diagnóstico inicial da turma, tentamos adequar a sala de modo a envolver todas as crianças e a primeira intervenção foi a de permitir a socialização entre as crianças maiores e menores, haja vista que as maiores poderiam auxiliar os menores na execução das atividades. Sendo assim, desenvolvemos nesse período atividades de pintura, colagem, desenho, leitura de imagens, contação e reconto, além de usarmos alguns recursos audiovisuais que nos ajudaram a desenvolver o ato da escuta.

Nessa perspectiva, consideramos que a formação do professor é imprescindível para que haja um processo formativo contínuo e significativo e para isso, o professor precisa ser sobretudo mediador pedagógico, possibilitando aos educandos torna-se construtores e autores da própria história, e para isso o educador precisa desenvolver estratégias que estimulem a presença dos alunos nas atividades propostas em sala e para que isso aconteça as atividades devem estabelecer relações com as suas vivências sociais.

O autista de forma mais específica, embora tenha frequentado poucas aulas, foi convidado a fazer parte das brincadeiras de roda, realizar as pinturas e participar das atividades de colagem, foi então que percebemos que ao ser estimulado, mesmo não se expressando oralmente realizava as atividades como os demais alunos**.** Deste modo, reconhecemos que para que a criança aprenda é necessário motivação e auxílio, tanto por parte dos alunos quanto do professor e da escola como um todo, pois conforme Mantoan (2002) as escolas devem adaptar-se aos alunos e não o contrário, já que é por meio disso, que teremos de fato, escolas inclusivas a ponto de oferecer uma educação transformadora e, portanto, inclusiva.

Recordamos que em uma das atividades de pintura, solicitamos ao aluno autista que se juntasse a nós e desenhasse. Logo, lhe entregamos a tinta e simulamos o que poderíamos fazer com a mesma, em seguida o aluno começou a pintar e ao começar a perceber os seus próprios desenhos sorria. Em todo esse processo, estávamos lá, mediando, dizendo o que podia e o que não podia: “uma tinta de cada vez”, “não pode passar a mão na roupa”; motivando a partir de verbalizações como: “muito bem”, “veja como está ficando bonito”, “foi você que fez”. Com isso, percebemos que se houvesse um acompanhamento mais atento e sistematizado, uma rotina estipulada haveria mais aprendizado e desenvolvimento na área comportamental, na fala, coordenação motora, expressão e etc.

Dessa forma, reconhecemos que as escolas enfrentam inúmeras dificuldades no que diz respeito ao atendimento de crianças com necessidades educativas especiais, seja pela falta de preparo do professor ou comodismo, seja por falta de incentivo em sua formação continuada ou seja por falta de investimentos em sua carreira profissional, porém precisamos acolher e incluir todas as crianças de forma que todas sejam oportunizadas a desenvolverem física, intelectual e socialmente.Para isso, precisamos ser pessoas criativas, com coragem suficiente para transcender os obstáculos e de forma interdisciplinar formar sujeitos para a vida.

De acordo com (BAPTISTA, BOSA, 2007, p. 13) “[...] aproximamo-nos da igualdade, à medida que reconhecemos as diferenças e fazemos dessas um meio de transformação e não um fim [...]”. Ou seja, essas metas devem ser estabelecidas pelo professor afim de converter o “insucesso” em resultados positivos e para que isso aconteça é preciso que tenhamos coragem de criar essas oportunidades de forma igualitária, seja modificando a organização da sala de aula, seja adequando o tom de voz, a metodologia, a forma de se expressar, as atividades e etc., o importante é que incluamos todos. Sendo assim,é importante ressaltar a condição da criança autista, como uma criança que também aprende e que todo o seu desenvolvimento escolar dependerá do acompanhamento e das oportunidades que lhes serão dadas.

Segundo (ANTUNES, 2005, p. 11) enquanto seres humanos devemos aprender a “[...] descobrir o encanto que reside em sermos diferentes e jamais faça de um filho ou de um aluno o que a vida e a experiência não fizeram de você”. Ou seja, ninguém precisa ser a cópia autêntica do outro, pois precisamos entender que cada aprendiz tem um ritmo e um tempo para aprender e desenvolver-se e tal aprendizagem acontecerá de forma espontânea, porém mediada. Isso é, não podemos tirar a autonomia dos nossos educandos e muito menos a sua capacidade de criar e se expressar enquanto sujeito carregado de subjetividade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entender as dificuldades e desafios enfrentados na sala de aula faz parte de um processo formativo que pensa no aluno enquanto sujeito social, e tal compreensão é imprescindível para a nossa formação acadêmica e sobretudo humana, já que passamos a entender que somos iguais em termos de direitos e oportunidades de desenvolver-se, que precisamos compreender as limitações dos outros, mas sobretudo criar estratégias para permitir que este avance. E perceber esse processo de mudança de mentalidade nos permite sonhar em transformar a segregação no espaço escolar em inclusão e consequentemente nos faz querer ser profissionais que refletem sobre a prática e que se preciso for, reelabora-a e refaz o seu planejamento pensando no aluno e considerando os seus gostos, habilidades e competências.

Reconhecemos por fim, que o Estágio Supervionado I é de grande relevância para a nossa constituição enquanto futuros educadores, tendo em vista, que nos oportuniza perceber, entender e vivenciar na prática os constantes desafios que assolam a educação, além disso, o estágio nos permitiu compreender conforme afirma Perrenoud (1995, p. 29) que a “ diferenciação não é sinônimo de individualização do ensino [...]”, ou seja, não significa que a nossa prática e mediação pedagógica deva ser individualizada e muito menos que o aluno trabalhe individualmente, mas é preciso que enquanto educadores comprometidos com uma educação inclusiva e de qualidade acompanhemos os percursos dos alunos de forma individualizada por meio de registros escritos, para que assim possamos refletir acerca dos seus avanços alcançados, dificuldades encontradas e desafios superados.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, C. **A linguagem do afeto:** como ensinar virtudes e transmitir valores. Campinas, SP: Papirus, 2005.

BAPTISTA, C. R, BOSA, C. (orgs) **Autismo e educação:** Reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANTOAN, M. T. É. **Inclusão Escolar o que é? Por quê? Como fazer?**1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, L. A. R, PIRES, G. N. L, PIRES, J. **Inclusão escolar e social**: novos contextos novos aportes.Natal/RN: EDUFRN,2012.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia na escola das diferenças:** fragmentos de uma sociologia do fracasso. RS: Artmed, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

TRIVINÕS, N.S. Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987